



CAMINHANTES DE HELENA

Izabel F. O. Brandão (UFAL)

CUNHA, Helena Parente. **Caminhos de quando e até**. Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro, 2008

Resenha recebida em 28/04/09

Em 2001, ao caminhar sobre as pedras milenares de Pompéia, juntamente com centenas de outras pessoas estrangeiras como eu, a custo me continha: como é que um lugar como aquele continuava tão vivo e havia sido coberto pela lava destruidora do Vesúvio? Tudo parecia inteiro e a vida pulsava ali presente, como o instante-já de que fala Clarice Lispector, em **Água viva**. Naquele momento lembrei-me dos versos de Antonio Machado, poeta espanhol que eu mal conhecia: “Caminante, no hay camino,/ se hace camino al andar”. Assim, compreendi porque Pompéia continuava viva: sempre haverá caminhantes sobre suas pedras milenares, presentificando o passado com seus passos.

Caminhos de quando e até, de Helena Parente Cunha, me mostrou esse mesmo percurso percebido pelos caminhos de pedra de Pompéia: a eternização do ser que se busca completo, desprendido das amarras que gendram o ser em masculino e feminino. Helena dialoga com Fernando Pessoa, em primeira instância, e transforma-nos (leitora/ leitor) em interlocutores/ouvintes/espectadores de uma busca milenar: a harmonização do ser.

Procurar a completude perdida numa era de fragmentos parece uma tarefa quixotesca em busca dos sonhados moinhos de vento, ou do platônico e idealizado reencontro das metades separadas pela ambição do querer ser divino como os deuses. Contudo, essa busca nas mãos líricas de Helena nos conduz a um caminhar possível. E quem estava habituada/o aos versos curtos, condensados e diretos da escritora/poeta, que se desabitue, pois aqui, neste livro de caminhos e caminhares, a rota é outra. Longa. Difícil. Há vozes e seres que se cruzam; se distanciam; ordenam; questionam; aconselham; dialogam. Encontram-se enfim.

Essa busca dura por todos os 48 poemas. Talvez esse uso dos números tenha tido algum propósito cabalístico, afinal esse número é recorrente em Helena Parente Cunha. Basta que nos lembremos de **As doze cores do vermelho** (1988) e nos vêm claras três colunas temporais separadas, que se encontram ao





Izabel F. O. Brandão

final do romance, após 48 (módulos) instâncias de passado, presente e futuro. Nos **Caminhos de quando e até**, a poeta nos leva aos rumos da história real, da ficcional com suas personagens conhecidas e desconhecidas: deuses/deusas, ciganas/ciganos, reis/rainhas, inconfidentes, escravos/escravas, Infantes/Princesas Adormecidas, na luta perene pela sobrevivência das diferenças e da harmonização destas. Tudo isso através de uma jornada poética, que Jung chamaria de “individuação”, mas que, no final das contas, é mesmo uma jornada em busca do que de melhor o ser humano tem dentro de si, que é o aprendizado do respeito pelo outro através da vivência equilibrada das múltiplas componentes identitárias (ou arquetípicas) existentes no psiquismo de cada uma, cada um.

Essa busca parte dos poemas “Eros e Psiquê” e “Na sombra do Monte Abiegnio”, de Fernando Pessoa. Os poemas de Helena desenham a rota encantada do ser que quer se encontrar e assim encontrar o outro ser, que não é outro senão ele/ela mesmo/mesma, que enquanto dorme, constrói-se no sonho/sono. Tecnicamente poderíamos dizer que a poeta exercita o que Virginia Woolf chamou de “androgínia da mente”, ou aquilo que, no homem, é ‘femininamente masculino’, e, na mulher, ‘masculinamente feminino’. Em outras palavras, os versos constroem a história de uma sizígia, ou o casamento alquímico entre *anima* e *animus* que, conforme lemos com Hilmman (1985), são partes integrantes do homem e da mulher contemporâneos. Quem tiver olhos de ver, verá. É o encontro ideal de uma mente de poeta que desconhece gêneros e/ou sexos biológicos, mas que compreende as diferenças na medida do reconhecimento da sua existência.

No caso de Helena, seu encontro com Pessoa segue até o topo do Monte Abiegnio, em busca do que lá está: Infante encontra Princesa Adormecida (e vice-versa) e nele/nela se descobre um/uma só. Essa busca de Pessoa é detalhada, dialogada por Helena, que ora fala seguida dele, ora mistura sua fala à dele, enfim, num diálogo que se articula ao longo de muitos tempos, incluindo o contemporâneo com suas telas e teclas convivendo com pergaminhos e papiros, senhas, chaves e pontes levadiças.

Esse casamento alquímico, essa *sizígia*, é um *hierosgamos*, encontro de dois seres que podem ser humanos e divinos. Os de Helena são humanos que, na busca da harmonia, descobrem dentro de si o divino, que é o encontro com a instância máxima do processo de individuação, o Self. É esse o “rei” a cujas ordens os sujeitos habitantes dos versos de Helena devem obedecer. Esse





Caminhantes de Helena, p. 227 - 229

percurso é, como já disse, longo e difícil, como é o processo alquímico em busca da chamada pedra filosofal; morte, decomposição e renascimento. A subida ao Monte Abiegnó não é para qualquer ser e seus obstáculos levam o Infante e seus/suas representantes a se perderem, questionarem seus valores, suas identidades, crenças, numa árdua luta até encontrarem o que buscam.

Idealista a poeta? Sonhadora? Ou seria ela um espelho nosso, dos nossos infantes/*animus* buscando um momento menos tenso das nossas vidas tão cotidianamente perdidas na subida aos Montes Abiegnos, à procura das nossas princesas/*animas* perdidas, abandonadas e/ou renegadas?

Ler os belos, profundos e comoventes versos de Helena Parente Cunha levou-me a refletir sobre a imensa desarmonia do planeta. Suas imagens desvelam metáforas de uma harmonização maior do ser humano, que a ecocrítica chamaria de ponto de equilíbrio entre o humano e o não humano no ser. Assim, o Príncipe pode-se configurar miticamente como um centauro, meio-homem, meio-cavalo e a adormecida princesa como uma sereia, meio-mulher, meio-peixe, e essas metades que se encontram nada mais são/serão que o ser humano integrado no universo de uma terra em urgente necessidade de equilíbrio que, nos **Caminhos de quando e até**, de Helena, inicia-se pelos deuses e finaliza no encontro humano entre masculino/feminino, homem/mulher, com suas diferenças integradas “[...] num começar/ que não tem começo nem fim”.

